

QUEM CONTA UM CONTO, ENTRELAÇA OS PONTOS: ELEMENTOS DE COESÃO TEXTUAL EM UM CONTO DE MACHADO DE ASSIS

Sandra Aparecida FERREIRA¹

- RESUMO: O artigo analisa o conto "Quem conta um conto", de Machado de Assis, à luz dos principais mecanismos de referência e seqüenciação sustentadores de sua coesão textual.
- UNITERMOS: Coesão textual; referência; seqüenciação; narrador; narrativa.

Qualquer texto coeso resulta de uma série de cuidados com os fatores de constituição textual, apresentando, enquanto unidade lingüística, propriedades estruturais específicas. Portanto, não é a mera justaposição de frases que o compõe, mas a concatenação de suas partes, através da seleção adequada de "elos coesivos" fornecidos pelo sistema léxico-gramatical de uma língua.

Sendo assim, torna-se patente a existência de elementos lingüísticos cuja função principal é estabelecer relações entre os componentes do texto. Tais elementos configuram um elenco de recursos mantenedores da coesão textual.

Segundo Koch (1990), a coesão textual diz respeito à totalidade dos processos de seqüencialização que possibilitam o estabelecimento de uma relação lingüística significativa entre os elementos de uma superfície textual. Se o conceito de coesão sublinha a importância do encadeamento lingüístico para a tessitura do texto, a explicitação dos mecanismos, através dos quais tal encadeamento é estabelecido, permite a apreciação do texto enquanto entrelaçamento de partes. Detectar os "elos coesivos" do texto parece ser um meio efetivo para se estabelecer o que distingue um texto de uma mera seqüência de frases desconectadas.

Certamente, a coesão não se institui como condição imprescindível para a existência de um texto, embora seja inquestionável que o uso eficaz de elementos coesivos assegura-lhe maior legibilidade, uma vez que explicita as relações estabelecidas entre seus componentes lingüísticos.

1. Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 19800-000 – Assis – SP.

A coesão textual, conforme Koch (1990), apresenta duas grandes modalidades, a "referenciação" e a "seqüenciação". A primeira consiste na remissão feita por um componente do texto a outros elementos do universo textual. A segunda trata das relações semânticas e pragmáticas que fazem o texto progredir.

A partir da localização de alguns dos mecanismos característicos das modalidades de coesão acima citadas, bem como da apreciação do efeito expressivo dos mesmos, será analisado o conto "Quem conta um conto", de Machado de Assis (1938).

Inserido em *Contos Fluminenses*, o conto em questão narra a busca frenética empreendida por um tio que vê a dignidade da sobrinha, e por extensão a dele, comprometida por boatos desarrazoados.

Como, ao se contar um conto, aumenta-se um ponto

"Quem conta um conto" inicia-se em tom de suspense, focalizando um empolgado "noveleiro" (pessoa dada a espalhar boatos), que conta a um grupo de pessoas uma notícia desconcertante, a fuga da sobrinha do Major Gouveia com um alferes. No grupo de ouvintes, encontra-se um desconhecido especialmente atento à história contada, pois era ninguém menos que o próprio Major Gouveia, tio da sobrinha que protagonizava a notícia de Luís da Silva, o noveleiro.

Indignadíssimo com o falso boato de Luís da Silva, o Major exige-lhe a revelação da pessoa que lhe contara tal despropósito. Após hesitar, Luís da Silva o leva ao Senhor Pires, que o leva ao bacharel Plácido, que o leva ao capitão Soares, que o leva ao desembargador Lucas, que se remete a uma declaração do Major Gouveia. Assim, fecha-se o círculo gerador do boato.

Uma declaração prosaica, de teor apenas hipotético, fora feita pelo Major Gouveia ao desembargador Lucas:

"Disse-lhe que era capaz de castigar minha sobrinha se ela, estando para casar, deitasse os olhos a algum alferes" (Machado de Assis, 1938, p. 83).

A partir disso, a declaração passou adiante, sofrendo acréscimos tantos que resultou numa história cheia de peripécias, como se mostrará a seguir.

Ouvida a declaração do Major, o desembargador Lucas diz ao capitão Soares que a sobrinha do Gouveia "piscara o olho a um alferes" (1938, p. 82). O capitão, tendo ouvido apenas isto, disse ao bacharel Plácido que "havia notícia de um namoro da sobrinha do Major com um alferes" (p. 79). O bacharel, por sua vez, disse ao Senhor Pires que "o namoro da sobrinha do Major Gouveia com um alferes era tal que até já se sabia de um projeto de rapto" (p. 74). O Pires, por seu turno, disse ao Luís da Silva que o rapto era fato e, por fim, o Silva, inveterado noveleiro, "falou de um namoro com um alferes, da oposição do Major ao casamento, do desespero dos pobres namorados, cujo coração, mais eloqüente do que a honra, adotara o alvitre de saltar por cima dos

moinhos” (p. 61). Neste ponto, completou-se a adição de argumentos falsos acerca dos referentes mencionados na declaração inicial do Major, a sobrinha e um alferes.

Os momentos da narrativa foram expostos anteriormente em progressão linear. O narrador, entretanto, os apresentou em ordem inversa, produzindo um efeito narrativo surpreendente, do qual emana toda a ironia da situação narrada, visto que o Major Gouveia, em busca da fonte do boato, encontra-se consigo mesmo.

Esse encontro singular revela o boato como modalidade criadora de “mundos possíveis”, pois algo que poderia ser verdadeiro no mundo possível da sobrinha do Gouveia foi introduzido como se fosse verdadeiro, e não era verdadeiro (cf. Eco, 1984, p. 158). A intervenção do Major denuncia, portanto, a falsidade dos conteúdos postos pelos noveleiros, na medida em que estabelece uma inadequação completa entre sujeito (a sobrinha) e predicado (namoro com um alferes, projeto de rapto, rapto) em todos os enunciados formulados pelos boateiros.

Perpetrado entre senhores aparentemente respeitáveis e hierarquicamente bem colocados, o boato converteu em fato uma possibilidade. Ao comprimir a extensão do fato imaginário até reduzi-lo à insignificância que o engendrou, a via-sacra do Major sublinha o muito que houve de invenção entre o primeiro e o último a falar sobre uma mesma personagem.

Se o provérbio, como pretendeu Benjamin (1985), é uma narrativa em ruínas, o conto em análise poderia perfeitamente figurar como uma narrativa da qual ter-se-ia originado o velho e acertado provérbio “quem conta um conto, aumenta um ponto”. Contudo, o provérbio é anterior ao conto, tanto que, tendo elíptica a segunda oração, aparece como título do mesmo. Na verdade, o conto apenas reafirma, ao parecer reconstituir-lhe as ruínas, a validade do provérbio citado.

Antes de apresentar o invencionismo dos noveleiros, o narrador teceu várias considerações acerca da natureza dos mesmos, a seguir analisadas.

Por que se aumenta um ponto ao se contar um conto

Partindo do princípio de que todos os processos de seqüencialização indicadores de uma ligação significativa entre os elementos de um texto são instrumentos de coesão, serão verificados alguns mecanismos através dos quais se estabeleceu a referenciação e a seqüenciação nas considerações feitas pelo narrador a respeito do noveleiro.

Segundo Halliday e Hasan, a coesão é parte do sistema de uma língua e estabelece uma relação semântica através do sistema léxico-gramatical (apud Koch, 1990, p. 17).

A cada vez que um componente da superfície textual faz remissão a outro elemento do universo textual ocorre a coesão referencial ou referenciação. No conto analisado, rastrear os processos de referenciação é uma tarefa que revela a unidade

de sentido do texto, no que diz respeito ao desmantelamento de uma notícia inverídica, como se verá adiante.

Existem três expedientes de coesão referencial: *formas não-referenciais presas*, *formas não-referenciais livres* e *formas remissivas referenciais*. As *formas não-referenciais* fornecem apenas instruções de conexão e, sendo presas, acompanham um nome (artigos, pronomes adjetivos, numerais cardinais e ordinais acompanhados de nomes, pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoas presos a elementos situacionais). São *formas não-referenciais* livres os pronomes pessoais de 3ª pessoa, os pronomes substantivos que exercem função pronominal propriamente dita e os advérbios pronominais. Por fim, as *formas remissivas referenciais* são aquelas que, além de trazerem instruções de conexão, fornecem também instruções de sentido (grupos nominais definidos, expressões sinônimas, elipse etc.) (1990, p. 33).

No conto ora analisado, tem-se, fazendo referência ao episódio da fuga da sobrinha do Gouveia, os seguintes sintagmas: (1) "alguma notícia", (2) "a notícia", (3) "o negócio", (4) "o caso", (5) "o fato", (6) "tais invenções", (7) "aquilo que você me contou", (8) "o boato". Cada um desses sintagmas remete-se a um momento preciso do desenrolar do texto; (1), por exemplo, refere-se apenas ao discurso de Luiz da Costa, enquanto (8) retoma tudo que foi dito por todos os envolvidos no caso.

Observe-se o fragmento transcrito, a seguir:

Quando (1) o *alvissareiro* acabou, perguntou- (2) *lhe* (3) o *desconhecido*:
- E quando foi (4) *esse rapto*?
- Hoje de manhã.
- Oh!
- Das 8 para as 9 horas.
- (5) *Conhece* o (6) *Major Gouveia*?
- (7) De nome.
- Que idéia (8) *forma* (9) *dele*?
- Não (10) *formo* (11) *idéia nenhuma*. (12) *Menciono* (13) *o fato por duas circunstâncias*. (14) *A primeira* é que (15) *a rapariga* é muito bonita.
- (16) *Conhece*- (17) *a*?
- Ainda ontem (18) *a* (19) *vi*.
- Ah! (20) *A segunda circunstância*...
- (21) *A segunda circunstância* é a crueldade de certos homens em tolher os movimentos do coração da mocidade. (22) *O alferes* de que se trata dizem- (23) *me* que é (24) *um moço honesto*, e o casamento seria, creio (25) *eu*, excelente. Por que razão queria o Major impedi- (27) *lo*?
- (28) *O Major* tinha razões fortes, observou (29) o *desconhecido*.
- Ah! (30) *Conhece*- (31) *o*?
- Sou (32) *eu*.
(33) *Luiz da Costa* ficou petrificado. (34) *A cara* não se distinguia (35) *da* de um defunto, tão imóvel e pálida (36) *ficou*. (37) *As outras pessoas* olhavam para (38) *os dois* sem saber o que iria sair (39) *dali*. (40) *Deste modo*, correram cinco minutos. (Machado de Assis, p. 62)

Todos os elementos sublinhados no fragmento transcrito fazem remissão a outro elemento do texto. Assim, (1), (2), (5), (7), (8), (10), (12), (16), (19), (23), (25), (33), (34) e (36) fazem referência a Luiz da Costa, o inveterado noveleiro, enquanto (3), (29) e

(30) referem-se ao desconhecido que ouve atentamente a história contada por Luiz da Costa. (15), (17) e (18) remetem à sobrinha do Gouveia, protagonista da fuga referida em (4) e (13). (22) e (24) referem-se ao alferes com quem a moça teria fugido. (27) retoma o sintagma "o casamento", (35) remete ao vocábulo (defunto), (37) recupera os quatro ouvintes inicialmente mencionados, que circundavam o Major e Luiz da Costa e (38) remete a esses dois enquanto interlocutores. (39) recupera a situação como um todo e (40), por fim, remete ao embarço provocado pelo desenlace da situação. As referências ao Major Gouveia são feitas em (6), (9), (11), (26), (28), (31) e (32).

Através de *formas não-referenciais presas* (artigos definidos: "o", "as"; pronomes pessoais: "lhe", "a", "me", "o"; pronomes adjetivos: "esse", "outras"; numerais ordinais: "primeira", "segunda"), de *formas remissivas não-referenciais livres* (advérbios pronominais: "dali", expressões adverbiais: "desse modo") e de *formas remissivas referenciais* (grupo nominal definido: "o alvissareiro"; elipses: "(0) conhece o Major Gouveia?", "(0) De nome"; "a cara não se distinguia da (0) de um defunto"), estabeleceu-se a ligação entre os componentes do texto, permitindo-se que o mesmo se expandisse sem ambigüidades.

A progressão de um texto requer procedimentos lingüísticos que estabeleçam relações semânticas e/ou pragmáticas entre os segmentos do texto. Esses procedimentos dizem respeito à *coesão seqüencial* ou *seqüenciação*.

A progressão, segundo Koch (1990), pode-se fazer com ou sem elementos recorrentes. Pode-se falar em *seqüenciação frástica* quando não ocorrem procedimentos de recorrência estrita e em *seqüenciação parafrástica* quando ocorrem procedimentos de recorrência.

Enquadram-se entre os mecanismos de *seqüenciação frástica* os seguintes procedimentos: manutenção temática, progressão temática, progressão temática linear, progressão temática com um tema constante e encadeamento (por justaposição e por conexão).

Entre os mecanismos de *seqüenciação parafrástica* inserem-se procedimentos como: recorrência de termos, recorrência de estruturas, recorrência de conteúdos semânticos, recorrência de tempo e aspecto verbal.

Observe-se o fragmento:

Durante este discurso, o rosto do Sr. Pires apresentou todas as modificações do espanto e do medo. Um ator, um pintor ou um estatuário teria ali um livro inteiro para folhear e estudar. Acabado o discurso, era necessário responder-lhe, e o Sr. Pires o fazia de boa vontade, se se lembrasse do uso da língua. Mas não; ou não se lembrava, ou não sabia que uso faria dela. Assim correram uns três ou quatro minutos. (Machado de Assis, 1938, p. 71)

O tema da seqüência textual do fragmento acima é o desespero de Pires ao ser apresentado como a pessoa que transmitira o boato a Luiz da Costa. Trata-se de uma seqüenciação que apresenta um tema constante, ao qual são acrescentadas informações remáticas. O encadeamento se dá, em alguns momentos, por justaposição,

através da qual destacam-se os “marcadores da situação no tempo” (“durante este discurso”, “assim corra uns três a quatro minutos”, sendo que a partícula “assim” sumariza a seqüência textual). Ocorre também o encadeamento por conexão, através de juntores que estabelecem relação de condicionalidade (“se se lembrasse do uso da língua”), contrajunção (“mas não”) e alternância (“ou não se lembrava, ou não sabia que uso faria dela”). É por meio dos mecanismos de referenciação e seqüenciação rapidamente sumariados que o texto em análise foi tecido.

A referência em “Quem conta um conto” está sumariada no sintagma “o gosto de dar notícias”, uma vez que em torno dele gravitam as indagações e peripécias contidas no conto. Tanto é assim que, ao iniciar suas considerações, o narrador mostra-se intrigado diante da propensão humana para espalhar novas, declarando-se capaz de perceber a legitimidade de certos prazeres duvidosos, unicamente com a intenção de tornar mais incisiva a declaração seguinte: “O que eu não compreendo é o gosto de dar notícias” (1938, p. 57).

Por constituir a referência textual básica, o sintagma “o gosto de dar notícias” será continuamente retomado por meio de elos coesivos. A primeira retomada ocorre através do sintagma nominal “essa singular vocação”, em que o pronome adjetivo “essa”, além de determinar o nome e seu modificador, faz uma referência anafórica ao “gosto de dar notícias”, gosto este que engendra um tipo, o “noveleiro”, em relação ao qual o narrador declara: “Não é tipo muito vulgar, mas também não é tipo muito raro” (1938, p. 57), criando pressupostos desabonadores da singularidade de tal tipo.

Ao declarar que o noveleiro não é um tipo nem muito raro, nem muito vulgar, informa-se simultaneamente que o é em alguma medida. Sabendo-se que de “vulgar” a “raro” há uma considerável gradação de semas, pressupõe-se que, não sendo integralmente uma coisa nem outra, o noveleiro é um tipo médio, e até mesmo medíocre, porque poucos são realmente habilidosos e, contudo, existe grande número deles.

Um importante elo coesivo é o vocábulo “ofício” que remete ao vocábulo “noveleiro”, revelando o humor severo que move o narrador, visto que este compara as habilidades do noveleiro às do homem de Estado, uma vez que ambos precisam ser especialmente versados na técnica de subjugar seus interlocutores.

A seguir, o narrador retoma a questão preliminar, ou seja, a questão de sua perplexidade quanto ao “gosto de dar notícias”, estabelecendo o vínculo com a declaração inicial através da recorrência de estruturas sintáticas: “Não compreendo, como disse, o ofício noveleiro” (1938, p. 57), na qual o conector “como” e o pretérito perfeito do indicativo do verbo “dizer” retomam, reiterando, o aparente desconcerto do narrador diante do noveleiro.

Tendo o narrador feito tão detalhadas considerações acerca das características dos noveleiros, pode-se duvidar da veracidade do estranhamento que o tipo lhe causa. Mas, por enquanto, sejam acatadas as instruções de sentido apresentadas. O narrador, como disse, não compreende o ofício de noveleiro. Escapa-lhe ao entendimento que se encontre satisfação em contar, recriando, um episódio qualquer: “É coisa muito

natural que um homem diga o que sabe a respeito de algum objeto; *mas que tire satisfação* disso, lá me custa a entender" (1938, p. 57).

Através de uma oração adversativa, vinculou-se um novo sema a noveleiro, "que tira satisfação" de dar notícias. A seguir, o desvendamento do que motiva o noveleiro e, por que não dizer, o narrador, ganhará uma justificativa inquestionável: "Ganha-se sempre em conhecer-se os caprichos do espírito humano" (1938, p. 58).

Ao focalizar o "gosto de dar notícias" como um hipônimo de "caprichos do espírito humano", o narrador implicitamente admitiu a legitimidade do referido gosto, visto que o reconheceu como uma das tantas marcas características da condição humana.

Após tão empenhadas considerações, o narrador prega boa peça ao leitor, partindo para a narração das peripécias cujos personagens são noveleiros, sem, todavia, tecer maiores considerações sobre o inquietante "gosto de dar notícias". Maiores considerações, é certo, resultariam completamente supérfluas diante do modo exemplar com que o narrador mostrará como o contar uma notícia, em se tratando de tipos noveleiros, não poupa matizes mais vibrantes ao fato narrado e entrega-se à criação de "mundos possíveis".

Há alguma graça em contar que o Major Gouveia castigaria a sobrinha se esta sequer olhasse para um alferes? Para um noveleiro, nenhuma, visto que o mesmo, dado a contar histórias bombásticas, subverte qualquer compromisso com a realidade, dela mantendo apenas alguns referentes, a fim de assegurar a coerência da "notícia". O noveleiro, portanto, é alguém que não resiste à tentação de conferir dimensões alargadas a fatos banais, sucumbindo à provocação que o ato de contar faz ao parecer tornar a história propriedade de quem a conta.

O conto de Machado de Assis analisado operou uma intrincada rede de referências ao difundido gosto de fofocar. Para tanto, foi utilizado um procedimento narrativo bastante semelhante ao que se procurou decifrar, o dos noveleiros, visto que se procurou narrar o episódio de forma a obter certos efeitos, os mesmos que o noveleiro deseja obter ao se dirigir a seus ouvintes. Portanto, ainda que o narrador tenha declarado não compreender o ofício de noveleiro, conhece-lhe muito bem as habilidades ("o noveleiro deve saber quando lhe convém dar uma notícia abruptamente, ou quando o efeito lhe pede certos preparativos: deve esperar a ocasião e adaptar-lhe os meios" – 1938, p. 57) e utiliza-as com maestria.

Em síntese, "Quem conta um conto" apresenta uma sólida unidade de sentido, na qual os componentes da superfície lingüística do texto apresentam-se entrelaçados de maneira inequívoca, na medida em que visam a explorar o enredador "gosto de dar notícias". Este gosto, graças ao enquadramento preciso da situação narrada, revela-se um dos mais primários meios para a satisfação da humana necessidade de ficção e fantasia.

FERREIRA, S. A. Who tells a tale interrelates its details: elements of textual cohesion contained in a short story by Machado de Assis. *Alfa*. São Paulo, v. 37, p. 127-134, 1993.

- **ABSTRACT:** *Two elements of cohesion, the reference and the sequenciality, in the textual construction of the short story by Machado de Assis, "Quem conta um conto", have been studied.*
- **KEYWORDS:** *Textual cohesion; reference; sequenciality; narrator; narrative.*

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas, 1)
- ECO, U. *Conceito de texto*. Trad. Carla de Queiroz. São Paulo: T. A. Queiroz / Edusp, 1984.
- KOCH, I. V. G. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. Quem conta um conto. In: _____. *Contos fluminenses*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938. v. 2.

Bibliografia consultada

- DUCROT, O. *Princípios de semântica lingüística: dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix/ UNICAMP, 1977.
- KOCH, I. V. G., TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.